

**MULHERES NA ARTE/EDUCAÇÃO ANOS 60: FERNANDA MILANI E SEU
CONCEITO DE APRECIÇÃO**

**WOMEN IN ART/EDUCATION 60s: FERNANDA MILANI AND HER CONCEPT OF
APPRECIATION**

Ana Mae Barbosa / USP, UAM

RESUMO

Estou pesquisando acerca de MULHERES, Arte/Educadoras na década de 60. Fernanda Milani faria 100 anos este ano. Procurei teses, artigos, dados na internet sobre Fernanda Milani e quase nada encontrei. Analisarei seu conceito de Apreciação Artística na década de 60, exemplificando com as aulas que deu as quais tenho em meus arquivos. Compararei com o conceito de Leitura da Imagem que sustenta a Abordagem Triangular. As diferenças entre estes dois conceitos são teoricamente muito relevantes, o que não diminui o trabalho antecipador de Fernanda Milani.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo; Anos 60; Fernanda Milani; Apreciação.

ABSTRACT

I am researching about WOMEN, Art/Educators in the 60s. Fernanda Milani would be 100 years old this year. I searched for theses, articles, data on the internet about Fernanda Milani and found almost nothing. I will analyze her concept of Artistic Appreciation in the 60's, exemplifying with the lessons she gave which I have in my files. I will compare with the concept of Image Reading that underpins the Triangular Approach. The differences between these two concepts are theoretically very relevant but didn't diminishes the anticipatory work of Fernanda Milani.

KEYWORDS: *Feminism; 60's; Fernanda Milani; Appreciation.*

Fernanda Milani foi uma das mulheres arte/educadoras mais estimuladoras de outras mulheres que já conheci. Nunca conversamos sobre feminismo, mas ela, eu tenho certeza, tinha a consciência de ser mulher e das dificuldades de sermos reconhecidas profissionalmente. Quando cheguei em São Paulo em 1967 banida por razões políticas da Universidade de Brasília em 1965, durante a ditadura militar apoiada pela sociedade civil (1964-1983), Dona Fernanda, como eu a chamava, me recebeu muito bem, convidando-me para dar uma palestra para alunos da FAAP. Havíamos nos conhecido durante o I Congresso de Professores de Desenho ocorrido em Recife em 1963 na Universidade Federal de Pernambuco. Ela foi uma das figuras mais destacadas. Representou o Curso de Professorado de Desenho da FAAP e se movia com postura de liderança. Havia outros professores da FAAP, mas não lembro. Até 20 anos atrás a Biblioteca da UFPE guardava um panfleto, tipo programa, deste Congresso.

Naquele ano eu dei as primeiras palestras sobre meu trabalho realizado na Escolinha de Arte do Recife. A primeira havia sido para o Grupo do Gráfico Amador, que eu frequentava, uma coisa mais íntima, entretanto na presença dos mais destacados intelectuais de Pernambuco na época. A segunda no mesmo ano foi dada neste Congresso na presença dos professores da Escola de Belas Artes e professores de Desenho de todo o Brasil. Estava assustada, mas Fernanda Milani depois de minha comunicação fez perguntas e me elogiou. Obviamente fiquei fascinada por ela.

O Congresso foi muito concorrido. Naquela época, os Cursos de Professorado de Desenho já haviam construído uma base sólida de experiências e procuravam salvar os alunos da ditadura do Desenho Geométrico começando oficialmente a divulgar o direito à livre Expressão. O primeiro curso de professorado de Desenho, depois do fechamento em 1939 da Universidade do Distrito Federal, foi criado em 1943. Dois Cursos de P.D tiveram muito destaque, o da Escola de Belas Artes de Pernambuco e o da FAAP, que inicialmente não era um curso superior, mas não demorou a ser reconhecido como tal pelo MEC.

Na UFPE ensinavam Paulo Freire, Noemia Varela, Vicente do Rego Monteiro, Anita Paes Barreto. Depois de 1959 com a ida de Noemia Varela para o Rio eu fiquei

responsável pelos estágios dos alunos de Professorado de Desenho na Escolinha de Arte do Recife com o beneplácito da catedrática Prof. Dulce de Aquino. Já o curso da FAAP foi organizado por Flavio Motta que trabalhava no MASP onde coordenava os Cursos do IAC. Motta, filho de político famoso, àquela altura já era famoso também. Em 1954 ele foi diretor interino do MASP pois neste ano Pietro Maria Bardi, criador do Museu e Lina Bo Bardi estiveram viajando com a coleção em exposições pela Europa e Estados Unidos¹ Motta foi o articulador do convenio MASP/FAAP que não deu certo. Segundo o convênio a coleção do MASP iria ser exposta no prédio da FAAP, mas o Bardi voltou atrás, enquanto os cursos do MASP conforme o acordo ficaram definitivamente na FAAP. O curso de Professorado de Desenho e o atelier de Arte para crianças criado por Susana Rodrigues no Masp mudaram definitivamente para a FAAP. Como se pode comprovar na entrevista de Hebe de Carvalho publicada neste livro, ela diz que substituiu Susana Rodrigues no atelier do MASP e foi para a FAAP dirigindo o atelier, Fernanda Milani tornou-se sua assistente e a substituiu quando ela saiu definitivamente da FAAP para criar seu próprio curso para crianças e adolescentes. Flavio Motta foi professor de História da Arte de Fernanda Milani e dirigiu todos os cursos da FAAP até 1961, voltando em 1963 a 66 para dirigir só o curso de Professorado de Desenho. Procurei teses, artigos, dados na internet sobre Fernanda Milani e só encontrei uma homenagem feita a ela pelo Teatro Polytheama da Prefeitura de Jundiaí que colocou seu nome em uma sala de exposição. A Prefeitura de Jundiaí, onde ela viveu muitos anos de sua vida, publicou um livro sobre Fernanda Milani escrito por Ariadne Gattoline que muito esclareceu as minhas dúvidas.

Jessica Rodrigues Santos, assistente administrativa do Teatro Polytheama, me enviou um resumo da sua biografia:

“Fernanda Perracini Milani nasceu em 28 de agosto de 1918 em Serra Lunga d’Alba (Piemonte), na Itália. Formada em Artes Plásticas pela FAAP e pós-graduada em Artes pela Universidade de São Paulo. Presidiu a Comissão Municipal de Artes Plástica e integrou o Conselho Municipal de Cultura no período de 1983 a 1989. A artista fez cursos de pintura com Tarsila do Amaral, Renina Katz e Yolanda Mohalyi, de gravura com Evandro C. Jardim; cerâmica com o professor João Rossi e de História de Arte com Flávio Motta. Ela recebeu menções honrosas nas 1ª e 2ª edições do Salão Jundiaiense de Belas Artes. Dividiu seu

tempo lecionando no magistério e participando eventualmente de algumas exposições. Suas últimas participações foram em “Arte do Novo Século”, em Jundiaí, no ano de 2002, realizada no Complexo Argos e na exposição de Batik no congresso “O Direito do Meio Ambiente”, no Complexo Mokiti Okada, em São Paulo. Em 2009, participou de exposições na Galeria Polytheama, com “Femina” e “Caminhos” e, em 2011, da exposição “Rumo aos 40 anos”, da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí. Faleceu em 12 de maio de 2011.”²

Nota-se que a minibiografia dá mais importância a produção de Fernanda Milani como artista e sua atuação em Jundiaí, onde morava. Eu vejo sua atuação como Arte/Educadora mais influente na sociedade da época e mais multiplicadora que seu trabalho de artista pois formou muitos Arte/Educadores na FAAP, muitos jovens no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha e outras escolas onde ensinou. Mas, as mulheres Arte/Educadoras são mais rapidamente apagadas da História do que as artistas mulheres, graças a ansiedade das famílias por manterem o mercado de obras vivo e as instituições culturais que pensam ser mais prestigioso comemora-las como artistas. Contudo, louvo o Teatro Polytheama por mantê-la viva na memória dos seus frequentadores. Ironias da vida, Dona Fernanda nos anos 80 pensou em fazer doutorado na ECA/USP. Tanto Zanini, que era seu amigo e fora orientador de seu mestrado como eu que a admirava, estávamos com o número máximo de orientandos permitido para cada orientador. Ela decidiu então fazer uma das minhas disciplinas de pós-graduação. O respeito e o afeto que tinha por ela me fez guardar até hoje o seminário bibliográfico que apresentou aos colegas e seu trabalho final que parece mais entusiasmado pela atuação que teve no Ginásio Vocacional Oswaldo Aranha que pelo trabalho na FAAP, onde eu a via tão à vontade com os artistas e teóricos de lá.

Na Disciplina sobre História do Ensino da Arte sob minha responsabilidade no Programa de Pós-Graduação para Mestrado e Doutorado em Artes Visuais na ECA/USP estávamos investigando as propostas modernistas e as propostas pós-modernas e já experimentando o que veio a se chamar Abordagem Triangular no Ensino da Artes (visuais), buscando inter-relacionar o fazer, o ver e o contextualizar introduzindo a imagem na sala de aula.

D. Fernanda nos comprovou que nada se constrói no vazio e nos apresentou as suas aulas de Apreciação Artística dadas em 1962 no Ginásio Estadual Oswaldo Aranha, conhecido como o Vocacional do Brooklin, dirigido por Maria Nilde Mascelani, outra admirável educadora.

Herbert Read em seu livro *Educación por el Arte* que Fernanda Milani havia lido já fazia referência a apreciação da obra de Arte, o que foi pouco notado pelos arte/educadores modernistas da época. Fernanda Milani notou e experimentou.

No ano seguinte às realizações destas propostas Fernanda Milani deixa o Vocacional. Em 1963, Evandro Carlos Jardim a substituiu. É dela o longo texto abaixo:

Apreciação Artística Fernanda Milani

Cabe aqui colocar que antes de introdução ou conclusão, estas folhas são a justificativa de um trabalho de 1962 no “Ginásio Estadual Oswaldo Aranha”. O tempo integral de trabalho, as reuniões para planejamento com participação de orientadores educacionais e pedagógicos e a convivência contínua com os alunos permitiram a concretização dessa experiência pioneira no campo da apreciação artística.

Apesar de estar trabalhando durante anos na escola de arte para crianças e adolescentes da “Fundação Armando Álvares Penteado” e conhecer obras teóricas sobre outras experiências feitas neste sentido³, a práxis nos levou a recolocar e repensar dentro de um contexto socioeconômico, partindo da realidade em que vivemos utilizar as referidas ideias e teorias adaptando-as às possibilidades de nosso meio.

O cotidiano nos levava ao intuitivo e a reformulação constantes que eram analisadas e discutidas em reuniões com os alunos e com os professores, acentuando-se deste modo o caráter inovador da pesquisa.

Assim, não tivemos somente o propósito de desenvolver uma linguagem plástica utilizando sua forma como meio de comunicação, mas aguçar o senso crítico, a consciência social, a criatividade, procurando formar homens⁴ com conhecimento para integrar e agir sobre o processo histórico. Para nós professores, foi uma lição de quantas mais maneiras poderíamos nos utilizar da arte para alcançar tal fim.

Sem dúvida, várias propostas deste trabalho estarão ultrapassadas, no momento em que observamos as modificações contidas nas teorias da arte e educação artística como também nas novas pesquisas e enfoques de nossa parte, mas tivemos a gratificação de sermos ponto de partida para a renovação e revisão educacional que foram efetuadas nos estabelecimentos vocacionais.

Artes plásticas - Apreciação artística Fernanda Milani

Em toda obra de arte é preciso procurar descobrir-se os motivos da sua realização, as circunstâncias da época, o ambiente em que ela originou-se, o sentimento e a imaginação do pintor e em seguida é preciso fazer-se uma absorção e análise com calma e ponderação.

Observar uma obra de arte é senti-la como criação, nos seus valores de forma, cor e equilíbrio. Para isto é necessário educar-se a nossa sensibilidade a fim de poder-se compreender, também, um pouco a sensibilidade do seu criador.

Tivemos até agora oportunidade de ver projeções de murais antigos e modernos. Dentro os murais antigos, vimos do pintor italiano Masaccio, os que representam a “Trindade” e o “Tributo”, ambos executados na técnica do afresco e com grande sentido de profundidade. As figuras de Masaccio pareceu mover-se em um cenário natural; as figuras do Apóstolos têm amplos mantos, cujas grandes pregas caem majestosas.

Foram também projetados murais antigos, de autores desconhecidos na técnica do afresco, de diversas igrejas da Iugoslávia, representando a “Anunciação”, a “Descida da Cruz”, a “Ascensão”, este último pintado no teto, tendo, portanto, uma composição diferente. Dentro os murais modernos foram vistos o muro do Sol, o muro da Lua, dos dois pintores espanhóis Miró e Artigas, do Jardim da Esperança; de Afro, pintor italiano; e um mural de Picasso, localizados todos na UNESCO. Dos murais antigos foram projetados vários detalhes para termos oportunidade de melhor observar os elementos (trechos) podendo assim fazer uma análise mais minuciosa de determinados trechos e chegando então à conclusão que seja num quadro, num desenho ou num mural, tudo é importante, o menor detalhe tem que ser cuidado, pois o detalhe é parte de um todo.

Artes Plásticas - Apreciação Artística Bruno Giorgi

Fernanda Milani



Bruno Giorgi (1905-1993)
Os Candangos (ou Os Guerreiros) (1959)
Bronze, 8m
Brasília, Distrito Federal

Bruno Giorgi nasceu em São Paulo, em 1905, e estudou em Roma e na França. Além de exposições individuais, participou de duas Bienais de Veneza e diversas vezes nas Bienais de São Paulo. Muitos são os prêmios que este escultor conquistou nas diversas exposições que tomou parte.

Muitos também são os monumentos de autoria de Bruno Giorgi, que embelezam nossos jardins e praças. Entre os diversos se destacam “Juventude”, que se encontra nos jardins do Ministério da Educação e Cultura do Rio de Janeiro; “Guerreiros” na praça dos três poderes em Brasília; “Dante Alighieri” nos jardins da Biblioteca Municipal de São Paulo.

Longo foi o caminho percorrido pelo artista e grande foi a sua evolução. Ele percorreu no sentido de eliminar tudo o que achou de supérfluo, reduzindo a sua escultura a uma simplicidade essencial. No início suas obras eram monumentais, depois Bruno Giorgi foi eliminando o volume, em seguida a figura humana de linhas sinuosas que se enroscam umas às outras.

Em “Guerreiros” já temos o sentido da verticalidade que daí em diante dominará a obra de Bruno Giorgi. estas figuras tem um ar imponente e solene e o ritmo dos braços e cabeças cantam a mesma música das colunas dos palácios.

Diversos são os materiais por ele trabalhados, gesso, pedra-sabão, bronze, terracota, travertino, granito, madeira. Sua obra se caracteriza, toda ela, seja qual for o estágio, por uma força enorme, menos volume atualmente, mas sempre com a mesma força as figuras são plantadas. Pode ser que a fase dos “Guerreiros” não seja a última, isto é, que não seja definitiva, que seja uma média entre o que ele fez e o que ele fará, isto só o tempo poderá dizer.

Artes Plásticas - Apreciação Artística Yolanda Mohalyi

Fernanda Milani



Yolanda Mohalyi (1909 – 1978)
Sem título
Óleo sobre tela, 90 x 120 cm

Yolanda Mohalyi é artista que já conhecemos através dos murais do batistério da Igreja Cristo Operário. É brasileira naturalizada, nasceu em Transilvânia, Hungria. Estudou e se graduou pela Academia Real Húngara de arte Creativa. Desde 1931 vive no Brasil.

Conversando com Yolanda Mohalyi, ela nos contou diversas coisas dela e de sua vida - morou durante muito tempo no sítio, participando ativamente do trabalho, cuidando de animais, dos quais gosta muito. Outro motivo de viver no sítio é o contato com a natureza - natureza esta cujos ritmos lhe sugerem os quadros abstratos de sua fase atual. Disse-nos ela que “a arte não é caos, mas uma organização do Universo”. “Devemos primeiro sentir e depois analisar”.

Lecionou desenho para meninos que participaram de uma colônia de férias e ainda hoje leciona desenho na Escola de Arte da Fundação A. A. Penteado. Muitas de suas pinturas foram selecionadas para representar a arte Brasileira nas exposições de Paris, Zurich, Genebra, Tóquio etc. Um de seus trabalhos mais recentes foi inaugurado no mês de julho último. Trata-se dos vitrais para o templo de São Domingos, nas Perdizes. Sua pintura reflete uma atmosfera de claridade, águas cristalinas de cascatas, de luz que vai desde o rosa ao azulado pálido; é, enfim, toda uma sinfonia onde a natureza dá vazão a todo seu lirismo. Tudo isto é produto de estudo, pesquisa, busca, luta que não terminou, pois o verdadeiro artista tem sempre muito o que dizer e o faz através de sua obra. (MILANI, F. 1962)

Estes textos preparados para as aulas com seus alunos do Ensino Médio, nada têm de transformador nos modos de ensinar história da Arte da época. Eles são importantes porque desobedecem a norma do ensino da Arte Modernista que abominava a História da Arte em defesa do Espontaneísmo. Contudo, o estudo comparativo que propôs entre a Igreja Cristo Operário em São Paulo e a de Assy, na França é mais avançado que os que acabo de apresentar, como poderemos ver em seguida:

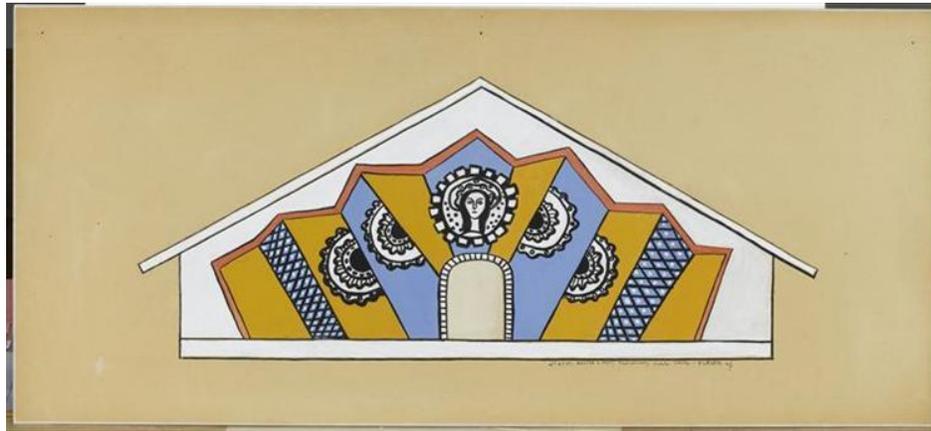
Comparação entre a Igreja Cristo Operário em São Paulo e a de Assy, na França.



Alfredo Volpi (1896 – 1988)
Mural do Cristo Operário, 1951
Igreja Cristo Operário em São Paulo



Yolanda Mohalyi (1909 – 1978)
Pomba da paz, 1951
Têmpera
Mural da Capela do Cristo Operário em São Paulo



Fernand Legér (1881-1955)
Frontispício da Igreja de Nossa Senhora das Graças, 1947
Plateau d'Assy, França



Igreja de Nossa Senhora das Graças
Plateau d'Assy, França

Artes Plásticas - Apreciação Artística

Fernanda Milani

Duas pessoas tiveram a mesma ideia - tão distantes uma da outra, mas a mesma maneira de pensar, foi o que se deu com a nossa Igrejinha do Cristo Operário e com a de Assy na França. Frei João Batista, da nossa Igrejinha fez o apelo para a decoração da mesma e a ele responderam artistas como Alfredo Volpi e Yolanda Mohalyi, pintores; Bruno Giorgi, escultor; e Elisabeth Nobiling, ceramista e escultora também, artistas de origem europeia aqui radicados. Assim também começou o abade Devémy em Assy,⁵ uma aldeia nos montes da França. Lá ele,

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Mulheres na arte/educação anos 60: Fernanda Milani e seu conceito de apreciação, In Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 27º, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da Anpap. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p.52-65.

já velho e doente, vivia em um sanatório, e viu pouco a pouco estabelecer-se uma pequena população de doentes, enfermeiros e médicos.

Sentiu então que se tornava necessária a construção de uma igreja para esta comunidade, que se formara ao redor do sanatório nessa solidão e neste longo e melancólico descanso criado pela doença. Os trabalhos da Igreja começaram em 1937. Um ano depois sua construção já estava bastante adiantada. No verão de 1939 o abade Devémy visitando uma exposição de vitrais simbolizando a Paixão de Nosso Senhor J. Cristo, Santa Verônica e um terceiro de flores inspirado num texto de Isaías. Assim, com Rouault começou a participação de grandes artistas que iriam dar um cunho todo especial à esta Igreja dos Montes. A fachada foi feita em mosaicos por Fernand Legér, sobre temas relacionados com invocações à Virgem que se encontram nas ladainhas. Veio depois o pedido feito pelo abade Devémy à Pierre Bonnard para a execução da pintura de São Francisco de Sales que fica no altar lateral à direita.

No altar lateral esquerdo, Henry Matisse aceitou de pintar em preto sobre um fundo de cerâmica amarelo vivo, um grande São Domingos cercado de ramos de vinha, admirável de força e de nobreza espiritual. É neste altar também que se encontra o tabernáculo que tem uma porta de bronze esculpido com símbolos Eucarísticos executada por Georges Braque. No santuário encontra-se a vasta tapeçaria de Jean Lurçat, A Virgem Apocalypse, vitoriosa do dragão.

“A mulher está revestida de sol e coroada de estrelas” (Apocalypse XII). Na entrada do coro sobre um suporte de granito, a Virgem, feita por Jacques Lipchitz, que assim a descreve: “o bico de uma Pomba, caem 3 panos do céu estrelado, que imerge a Virgem com os braços estendidos para o mundo. O todo é carregado por anjos em pleno voo. Outros artistas também colaboram na decoração da Igreja, Igreja esta que depois se ouviu falar em todo mundo.⁶ Porque uma simples e singela Igreja de aldeia se tornou conhecida e admirada? Porque é uma obra prima? (MILANI, F.)



Jean Lurçat (1892 – 1966)
O Apocalipse, tapeçaria, 1945
coro, Ig. Notre-Dame-de-Toute-Grâce, Assy, França.

A capela de Assy provocou grande polemica entre os católicos admiradores da Arte moderna e os católicos conservadores. Fernanda Milani que era muito católica ou não

sabia das discussões ou não se achou à vontade para levar a discussão para seus alunos Mas o debate europeu era mais político que estético ou religioso. Depois da Segunda Guerra mundial as esquerdas saíram fortificadas e o que a igreja não aceitava mesmo era dar espaço e visibilidade para os artistas da esquerda. Já o trabalho dos artistas da Igreja Cristo Operário em São Paulo não provocou tantas polêmicas. Foi aceito com estranheza, mas todos eram cristãos, a princípio em paz com a igreja católica e para um país colonizado certamente era importante estes artistas serem europeus.

Embora a Abordagem Triangular rejeite a ideia de apreciação em favor da expressão leitura crítica da imagem, o trabalho aqui exposto que D. Fernanda fazia em 1962 no Ginásio Vocacional era precursor da ideia de Arte como Cultura. A rejeição da palavra apreciação na Abordagem Triangular vem da associação desta palavra com a ideia de “admirar” e de “gostar”. Se digo: ‘eu aprecio um bom vinho’ eu quero dizer que eu gosto de um bom vinho. Eu aprecio você significa que eu admiro você. A entrada da imagem nas salas de aula de Arte não se dá para que os alunos gostem de Arte ou admirem Arte, mas para que consigam interpretar os significados explícitos e escondidos das imagens e dialogar criticamente com elas. Se os alunos rejeitarem esta ou aquela obra é importante que saibam por que a estão rejeitando. A leitura da obra, da imagem, ou do campo de sentido da Arte não é catecismo e muito menos discurso de convencimento.

Para evitar equívocos na Abordagem Triangular optamos pela expressão “leitura” de imagem e não apreciação, sem deixar de reconhecer entre seus significados um parentesco de ideias.

Fernanda Milani faria 100 neste ano de 2018. Deixou de estudar, por decisão da mãe, aos 14 anos contra sua própria vontade para noivar e casar. O noivo prometeu que depois de casados ela voltaria a estudar. Este é um caso interessante e diferente do comum, em geral eram os noivos e maridos que impediam as mulheres de estudar. Depois de casada começou a fazer cursos no MASP, até que se inscreveu nos exames para o curso de Professorado de Desenho na FAAP. Foi aprovada, mas não pode se

inscrever no curso pois não tinha diploma de Ensino Médio. Resolveu fazer o curso Normal, Pedagógico ou de Magistério como foram sucessivamente chamados os cursos de ensino médio para formar professores primários. Terminou o curso de magistério aos 36 anos em primeiro lugar, e teve como prêmio um contrato de professora em Jundiaí. Persistente, fez o Curso da FAAP e passou em 1956 a ser assistente de Hebe de Carvalho no atelier infantil e de adolescentes. Substituiu Sued no ensino com os adolescentes e posteriormente substituiu a própria D. Hebe. Tornou-se professora de Didática e Estágios Supervisionados e chegou a ser vice-diretora do Curso de Licenciatura em Desenho e Plástica da FAAP, que substituiu o Curso de Professorado de Desenho que ela cursara. DE 1963 a 1968 deu aulas de Arte ao vivo no Canal 2, através do SEFORT dirigido por Joel Martins.

Fernanda Milani deu aulas na Escola de Belas Artes de São Paulo, na Faculdade de Comunicação Bezerra de Mello (História da Arte) em Mogi das Cruzes, no Mackenzie e no Colégio Morumbi. Conversando com Christina Rizzi, Professora da ECA/USP, ela me disse que foi aluna de D. Fernanda no Colégio Morumbi e a assistente dela era na época Maria Heloisa Ferraz, também professora aposentada da USP.

Hebe Carvalho disse de Fernanda Milani:

“Quando penso nesta “Personalidade” que foi Fernanda, a primeira imagem que me vem à cabeça é um monólito. (...) Entretanto era um monólito lapidado pela cultura, sensibilidade e inteligência. Um monólito também permeável, sempre disposto a absorver novas ideias, para perfeição sua nobre missão de educadora pela Arte.”⁷

Notas

¹ COSTA, Juliana Braga. *História, arte e arquitetura: Flávio Motta e o ensino como ofício*. Tese de Doutorado FAU USP, 2018, página 229 a 261, página 25. As exposições foram de outubro de 1953 a fevereiro de 1955.

² Comunicação pessoal com Jessica Rodrigues dos Santos, recebida por correio eletrônico em janeiro de 2018.

³ READ, Herbert. *Educación por el arte*. Editorial Paidós, Buenos Aires, 1959;

LOWENFELD, Viktor. *Desarrollo de la capacidad creadora*, Editorial Kapelusz, Buenos Aires, 1958;

_____. *El niño y su arte*, Editorial Kapelusz, Buenos Aires, 1958.

⁴ Relevem a linguagem. Ela estava escrevendo nos anos 80. Prefiro em vez da palavra “homem” como genérico que não me inclui por ser mulher, sempre usar “humanidade”, “pessoas”, etc. Mantive os textos que Fernanda Milani apresentou exatamente como foram entregues.

⁵As grandes realizações da arquitetura e arte sacras como as igrejas de Assy (iniciada em 1937) ou Vence (1947-51) [Ils.3-4 e 8-10, capítulo 3] na França foram momentaneamente percebidas de maneira otimista como símbolos de

que a alta criação se tornara novamente possível nas igrejas, restabelecendo-se o pacto entre a Igreja e o gênio criador diz BAPTISTA, Anna Paola P. *Do eterno ao moderno: arte sacra católica no Brasil, anos 1940-50*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ em 2002, Pag 21, pag 102 a 106. Disponível em <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000121.pdf>>

⁶ Idem, ibidem, páginas 102/103. "...três grandes realizações francesas ligadas ao padre Couturier: Assy, Audincourt e Vence. Essas igrejas nasceram motivadas pelo desejo de assegurar para a Igreja o serviço dos melhores artistas de sua época. A igreja-manifesto, símbolo de um novo momento no processo de revitalização da arte sacra – o do "apelo aos grandes" -, foi, sem dúvida nenhuma, Notre-Dame-de-Toute-Grâce de Assy, nos Alpes, destinada aos doentes de um sanatório local e consagrada para o culto em 1950 [lts.3-4]. Il.3 – Maurice Novarina, Ig. Notre-Dame-de-Toute-Grâce, Assy, França, 1945 -47. Il.4 – Jean Lurçat, O Apocalipse, tapeçaria, 1945 (coro, Ig. Notre-Dame-de-Toute-Grâce, Assy). O projeto do arquiteto Maurice Novarina, livre de qualquer tentativa de capturar estilos gloriosos passados, começa a ser construído antes da II Guerra Mundial, em 1937-38, sem evocar maior atenção até o início da execução de seu programa decorativo organizado no pós-guerra pelo cônego Devémy com colaboração do padre Couturier. Devémy começa adquirindo um vitral de Rouault visto em uma exposição em Paris. Em seguida, a amizade de Couturier com grandes artistas da época asseguraria contribuições cuja lista de nomes e obras é impressionante, principalmente considerando-se que alguns deles eram judeus ou comunistas: Fernand Léger (1881-1955), A Virgem da Lítania, 1946, mosaico da fachada; Georges Rouault (1871-1958), Sofrimentos de Cristo, 1939, O Grande Vaso, 1946-49, Cristo da Paixão, 1946-49, O Pequeno Ramo, 1946-49, Santa Verônica, 1946-49, vitrais; Jacques Lipchitz (1891-1973), Nossa Senhora de Liesse, 1948-55, escultura em bronze; Marc Chagall (1887-1985) Cruzando o Mar Vermelho, 1952-57, mural em cerâmica, Salmo 42, baixo-relevo e Anjo com Candelabro, Anjo com Água-benta, vitrais; Henri Matisse (1869- 1954), São Domingos, 1948-49, mural em cerâmica; Georges Braque (1882-1963), Porta do tabernáculo, 1948, baixo-relevo em metal; Pierre Bonnard (1867-1947), São Francisco de Sales, 1943-46, óleo sobre tela; Jean Lurçat (1892-1966), O Apocalipse, 1945, tapeçaria no coro; Germaine Richier (1904-1959), Crucifixo, 1948-49, escultura em bronze. Sobre o resultado final, os defeitos mais comumente apontados são que os vitrais não formam um conjunto, que o tema do Apocalipse não é completamente apropriado para dominar o santuário e que alguns artistas, Bonnard principalmente, não possuiriam talento para o sacro. De fato, é quase uma unanimidade entre os comentaristas católicos a crítica negativa à obra de Bonnard. Mesmo a obra de Rouault, apesar de profundamente religiosa e mesmo cristã, não alcançaria o status de sacra devido à falta de beleza e espírito comunal, por um lado, e excesso de individualismo, por outro. O grande debate que se segue até hoje acerca de Assy é se a decoração conseguiu alcançar a meta de criar uma ambiência religiosa ou se ela teria transformado a igreja em um museu de arte. Apesar da ausência de cenas narrativas, Assy possui um programa de decoração, em um certo sentido, já que os padres encomendam trabalhos específicos, combinando de antemão com os artistas os temas a serem abordados. A despeito disto o resultado não aparenta uma unidade. Sobressai muito mais um esquema individualista do que litúrgico, conseqüência natural do espírito mesmo que inspirara a decoração do edifício. O padre Régamey, do círculo de Couturier, desmente essa idéia; "Vem-se a Assy acreditando achar um museu e recebe-se o impacto do sagrado". RÉGAMEY, P.-R., O.P. Op.cit., p. 283. Os Dominicanos haviam persuadido tanto os principais artistas franceses da época a criarem obras para a igreja como as autoridades eclesiásticas a permitirem que isto fosse feito, a despeito da oposição oficial do Vaticano ao emprego de artistas não-crentes e, mais ainda, de esquerda."

⁷ CARVALHO, Hebe. *Monólito* In: GATTOLINE, Ariadne. *Fernanda Milani: a Arte pela educação*. Jundiaí: Secretaria Municipal de Educação, 2012, pag 71.

Referências

BAPTISTA, Anna Paola P. *Do eterno ao moderno: arte sacra católica no Brasil, anos 1940-50*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, 2002. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp000121.pdf> >

COSTA, Juliana Braga. *História, arte e arquitetura: Flávio Motta e o ensino como ofício*. Tese de Doutorado FAU USP, 2018, página 229 a 261, página 25.

GATTOLINE, Ariadne. *Fernanda Milani: a Arte pela educação*. 1º edição. Prefeitura de Jundiaí, SP: Secretaria Municipal da Educação, 2012.

LOWENFELD, Viktor. *Desarrollo de la capacidad creadora*, Editorial Kapelusz, Buenos Aires, 1958.

_____. *El niño y su arte*, Editorial Kapelusz, Buenos Aires, 1958.

READ, Herbert. *Educación por el arte*. Editorial Paidós, Buenos Aires, 1959.